

# A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 4\$000 réis.

Numero pago á entrega . . \$090

N.º 5 — VOL. II.

Sabbado 16 de Janeiro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

## Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Ruinas historicas — O segredo perdido, conclusão — Origem do nome d'alguns dinheiros inglezes — Policia de Londres — Anacreonte — Palacio Lambert — A tarde, entre a murta, continuação — Apontamentos biographicos, Walter Scott — Temos um mundo d'amor.  
GRAVURAS: — Walter Scott — Castello d'Angers — Castello de la Trémouille — Policia de Londres — Palacio Lambert — Avareza.

## Historia da actualidade.

Dá-se por certa a noticia de haver sido substituido, no Mexico, Comonfort pelo general Santanna, apesar do filho de Iturbide ter alguns partidarios.

— Nos circulos politicos de Paris censura-se altamente o comportamento do presidente dos Estados Unidos, em relação á fraqueza do seu procedimento para com o filibusteiro Walker, pois que havendo ainda ultimamente sido preso, fóra immediatamente solto por uma fiança de dois mil duros.

— N'um artigo que se publicou n'uma folha russa contra a Austria e Turquia, se diz o seguinte: «Depois da tomada de Andrinopolis, a Russia salvou a Turquia em 1833 dos ataques dos seus subditos rebeldes (Mehemet-Ali), e em 1848 acudiu á Austria contra a insurreição da Hungria, quando nenhuma potencia europea tratava então de lhe dar auxilio. Agora podem as duas nações ter a certeza, que depois da paz de Paris, se apparecerem circunstancias analogas, não se lhe prestará egual serviço.

— A cavallaria do exercito napolitano, segundo diz um militar alemão, é hoje uma das melhores, em quanto á organização, equipamento e instrucção. Os cavallos ainda que não são de grande marca, comtudo são excellentes. Tambem a arma de artilheria está n'esta nação muito bem montada. Algumas baterias são puxadas por mulos, e outras por cavallos. As

peças de calibre seis, e os seus respectivos carros, são puxadas a tres tiros.

— Corria boato em Inglaterra, de que se offercera a lord John Russell a nova pasta da India, e falla-se tambem na demissão de lord Panmure.

— Nas immediações do forte de Macau está ancorada uma esquadra franceza. É commandada pelo barão Gros.

— O grande acontecimento da semana, é a tentativa contra Napoleão III. Dirigia-se no dia 14 á Opera, quando, ao chegar á porta do theatro, se ouviram tres successivas detonações, e a carruagem ficou feita pedações, sendo comtudo salvos o imperador e a imperatriz, que no momento da terceira

explosão já se haviam apeado. A imperatriz ainda foi ferida levemente no canto de um olho, e o imperador teve o chapeo furado por fragmentos dos vidros da carruagem. Um cavallo ficou morto. Calculam-se em cento e tantas as pessoas feridas mais ou menos gravemente.

Os vidros das casas visinhas á Opera, e da galeria que serve de vestibulo ao theatro fizeram-se pedações com a explosão d'estas bombas, que eram feitas tambem de vidro grosso, redondas, e com varias espoletas na periferia, afim de que ao cairem de qualquer lado, só pela pressão, pegassem immediatamente fogo e reventassem.

Entre o numero dos feridos conta-se o general Roguet, e muitos soldados e agentes de policia, que de ordinario cercam a carruagem do imperador no momento de se apearem, afim de evitarem o accesso a pessoas estranhas.

— Os autores d'esta tentativa foram emigrados italianos, que se achavam em Paris, vindos ha pouco de Inglaterra, usando nomes suppostos. O chefe era o conde Orsini, que foi preso. Em poder d'alguns conspiradores se encontraram bombas eguaes ás da explosão. Todos estavam providos de grandes sommas de dinheiro.

O prestito funebre da tragica franceza Rachel, foi imponente. Seis cavallos ataviados de negro, e estrellados de prata, conduziam o carro funebre, pegando aos cordões mrs. Taylor, A. Dumas, Maquet, e Samson. O irmão, e os filhos da finada, seguiam-se apoz. A comedia franceza, a imprensa, a litteratura, os autores dramaticos, os artistas de todos os theatros, a escultura e a pintura representadas pelos seus mais distinctos individuos, faziam parte do cortejo.

A gloria e a fortuna marchavam de mãos dadas com a celebre actriz de que acabamos de fallar. Em todas as noites que representou, recebeu a Comedia franceza durante os vinte annos que ella lhe prestou seus serviços, a forte somma de quatro milhões trezentos noventa



Walter Scott.

e quatro mil duzentos e trinta e um francos! Calcula-se em dois milhões de francos o patrimonio que deixou aos seus dois filhos.

—Era justo, depois da fatal epidemia que assolou Lisboa nos ultimos quatro mezes do anno que findou, se desse graças ao Omnipotente por haver terminado aquelle flagello. Porisso começaram esta semana as procissões de triumpho, recolhendo aos seus proprios templos as imagens que em procissão de penitencia haviam saído d'elles para outras egrejas.

—Indicando-se como uma das causas do desinvolvimento da epidemia a pouca salubridade da cidade em consequencia do mau estado dos cannos de despejo, principiou esta semana, em varias ruas da baixa, a sua limpeza.

—O ministerio propoz para estas obras de limpeza, e as camaras votaram, a somma de trinta contos de réis, para começo de trabalhos. Reconhecida, como foi, insufficiente para o muito que a tal respeito se deve fazer, propoz ás côrtes um projecto de emprestimo de mil contos.

#### Ruínas históricas.

Nenhum paiz, apesar de tantas destruições irreparáveis, era, nem é ainda tão rico como a França em ruínas celebres, magníficos despojos do seu passado, duplamente preciosas como monumentos históricos e como obras d'arte.

Não se pode atravessar uma das provincias francezas, principalmente a Normandia ou a Bretanha, o Anjou ou a Touraine, sem encontrar um d'esses velhos edificios que despertam, com igual poder, a admiração do archeologo e do artista.

Aqui, no cume d'uma collina, é um castello feudal com suas altas torres e suas trincheiras com fossos que são abysmos, como o castello de la Trémouille, cuja gravura apresentamos, nobre residencia dos soberbos guerreiros a que Francisco I chamava os seus leões.

Ali, no valle, á borda d'agua, são as ruínas venerandas d'estes santos claustros onde tantos sabios cenobitas votaram a vida ao estado e á oração.

Mas por muito poderosa que tenha sido, ha um quarto de seculo, a reacção do espirito publico contra tantos actos de vandalismo precedentemente executados, ha ainda muitos monumentos que a inutilidade pratica condemna fatalmente a desaparecerem, a menos que um braço, intelligentemente liberal, não detenha o camartello prompto a accommetel-os; assim fez o duque d'Orleans em 1828 com o castello de Coucy.

Ha mesmo alguns cuja destruição está já suspensa: tal é em parte o castello d'Angers, especimen tão notavel da architectura do seculo XIII.

Este castello está assente sobre a collina que coroava a *Egada* gauleza, que veio a ser successivamente a *Juliomagus* e a *Andegavia* do periodo gallo-romano. N'esta ultima epoca, havia um palacio no terreno que occupa o actual castello.

Este edificio, devastado e destruido primeiro por Chilperico, e mais tarde pelos normandos, não apresentava, no seculo XIII, senão ruínas. Foi n'esta epoca que Luiz IX, olhando-o como importante ponto strategico, construiu ahi o actual castello, de que fez um dos baluartes da França occidental.

Tem a forma d'um pentagono irregular flanqueado por dezoito torres. A elegancia comtudo está longe de ser o seu caracter architectural. O que mais abala, vendo-o, é a idéa da *feudalidade*.

Ainda hoje aquellas ruínas apresentam todos os caracteristicos d'essas epocas.

#### O segredo perdido.

(Conclusão.)

A minha primeira operação foi tirar a capa que ainda me envolvia. Achava-me em tão profunda escuridão, que julguei me tinham privado da vista por algum meio diabolico. Mas á força de olhar, consegui distinguir por sobre a minha cabeça um buraco que deixava penetrar a luz. Vi que estava em um subterraneo, mas não cego. A superficie sobre que eu estava era pedra. Arrastei-me por um

e outro lado para conhecer a minha prisão, e só achei a fria loisa do pavimento e as paredes. Duas horas empreguei inutilmente em procurar a porta. Pedi soccorro: ninguem appareceu.

Dois dias permaneci n'aquelle antro; calculei esse tempo pela fome e sede que soffri. Então julguei que queria matar-me á fome. Pelo meio do terceiro dia ouvi ruido de chaves; abriu-se a porta, e fiquei deslumbrado pela claridade; uma voz conhecida me disse, como se teria dito a uma fera engaiolada:

—Fora d'aqui!

A luz era tão forte que de prompto me cegou. Arrastei-me para a porta, e ao sair achei-me n'um pateo em frente do homem do albernoz pardo; mas não o tinha vestido. Tinha uma jaqueta encarnada com galões d'oiro, tão justa, e com umas taes abas, que em outras circumstancias o seu ridiculo traje me teria feito rir. Não me prestou mais attenção que a um desconhecido; fez como se nunca em sua vida me tivera visto; e dando signal a dois criados de libré para que me segurassem o braço, rompeu a marcha.

Passámos por meia duzia de portas e outros tantos pateos. Os edificios que os rodeavam eram de bella architectura, e em um d'elles pude distinguir pelas grades do andar baixo muitos homens com jaquetas e gorros brancos. Mais adiante, umas poucas caçarolas de cheiro delicioso me fizeram conhecer que estavamos proximos á cosinha. Parámos alguns instantes nas immediações, não sei se por casualidade se maliciosamente. O do albernoz pardo olhava-me por cima do hombro com tal malignidade, que, impellido pela fome e a colera, fiz violentos ainda que inúteis esforços para soltar-me. Por fim subimos uma escada estreita, e alcatejada; e depois de termos atravessado uma galeria de quadros, entrámos em um quarto mobilado com luxo, metade bibliotheca, metade sala.

Um magnifico fogo chispava no fogão; e com as costas para elle estava em pé um homem alto de certa idade, de cabellos brancos e poucos, cuidadosamente puxados sobre a fronte. Vestia de preto, tinha gravata branca, e uma cinta multicôr. Perto havia uma mesa com livros e papeis; e sentado a ella, em uma poltrona, um velho corpulento, sepultado em uma especie de chambre ricamente guarnecido, tendo na cabeça um gorro de velludo preto com pala verde. Os criados levaram-me para junto da mesa, seguro sempre pelo braço.

—Senhor Muller, disse o do fraque preto com urbanidade e em bom inglez, como passa?

Repliquei indignado que não se tratava do estado da minha saude. Perguntei porque tinha sido maltratado, roubado, e me tinham feito soffrer tal fome e sede.

—Senhor Muller, tornou o homem negro, com imperturbavel urbanidade, desculpe a maneira, pouco cortez na apparencia, com que foi tratado. A nossa casa não foi feita para carcere, mas para palacio; e por falta de melhor prisão, vimo-nos obrigados a utilizar aquella sala. Supponho que não estava humida?

O homem do chambre moveu os carnudos hombros como se risse interiormente.

—Em primeiro logar, continuou o outro fazendo-me attencioso signal para que me calasse, porque eu ia fallar; acreditámos que a posse dos papeis d'esta carteira (e tocou-lhe) bastaria para conseguir o objecto que nos propunhamos. Mas vendo que a maior parte da correspondencia está escripta em cifra cujo segredo só v. possui, julgámos indispensavel ter o prazer de o ver.

—Eu não conheço melhor que v. essa escripta e essa cifra, exclamei, e juro diante de Deus que não possuo nenhum segredo concernente a isso.

—Deve ter fome, senhor Muller, proseguio o homem de preto, não prestando attenção ao que eu dissera. Carol, traga a refeição.

O homem do albernoz pardo, designado por este nome, retirou-se, e voltou logo com uma bandeja coberta de pratos fumegantes e duas garrafas de vinho. Os lacaios tinham quasi soltado a presa; o coração pulou-me, e ia lançar-me sobre a bandeja, quando o de preto levantou a mão.

—Um instante, senhor Muller, antes de reparar as suas forças; tenha a bondade de responder a esta pergunta: onde está o menino?

—Onde está o menino? repetiu o homem da pala verde.

—Não sei, repliquei com vehemencia, por minha honra que não sei. Mil annos que estivessem a perguntar-m'o seria o mesmo; não sei.

—Carol, disse imperturbavelmente o de preto, leve a bandeja; o senhor Muller não tem vontade de comer, a menos que não tenha a bondade de responder á minha pergunta.

—Não posso, acrescentei; não sei, nem sube nunca.

—Carol, disse o meu verdugo pegando em um periodico e voltando-me as costas, leve isso. Bons dias, senhor Muller.

Gritei muito, mas levaram-me. Atravessámos a galeria de quadros, porém em vez de descer a escada, entrámos em um quarto. Cruzámos o vestibulo illuminado por alampadas; e um dos meus guardas tinha parado para abrir uma porta, em quanto o outro estava uns passos mais atraz (tinham-me soltado e Carol não estava comnosco), quando se abriu um postigo da parede, e uma senhora vestida de lucto, de trinta annos e muito bella, se inclinou para mim pela abertura.

—Ouvi tudo, disse rapidamente e em voz baixa. Obrastes nobremente; persisti e o ceo vos recomendará.

Não tive tempo de responder, porque se fechou o postigo. Levaram-me por diversas salas, até que entrámos em um dormitorio pequeno, simples, mas acceadamente mobilado. Deixaram-me ali, e fecharam a porta por fora á chave, aferrolhando-a. Em cima da mesa havia um pão negro e um jarro com agua. Tanto um como a outra foram devorados avidamente.

Um dia permaneci sem mais alimento. Da minha janella via o pateo da cosinha; e a vista dos cosinheiros e o cheiro dos manjares tornavam-me quasi louco.

No dia seguinte fui levado de novo á presença dos dois homens. O drama infernal tornou a começar. Tentaram-me com os mesmos pratos, e quando manifestei a impossibilidade de responder, deu-se ordem para serem retirados.

—Detende-vos! exclamei desesperado quando Carol ia a desaparecer com a bandeja, julgando satisfazel-os com uma mentira; vou confessar tudo.

—Falle, disse friamente o de preto. Onde está o menino?

—Em Amsterdam, respondi ao acaso.

—Em Amsterdam!... Que absurdo! disse impaciente o da pala verde. Que tem que ver Amsterdam com o tigre azul?

—Não preciso recordar-lhe, disse o de preto em tom sarcastico, que nomear uma cidade ou nação, não é responder. V. sabe que a sua explicação respectiva ao menino está *ahi*, disse mostrando a carteira; sabe-o tão bem como eu.

—Sim, *ahi*, repetiu o da pala verde, pondo a mão na carteira,

—Mas senhor... disse eu.

A resposta foi breve.

—Bons dias, senhor Muller.

E de novo fui conduzido á prisão; de novo vi a senhora de lucto, que me offereceu a mesma celestial consolação; de novo devorei o pão negro e bebi o jarro d'agua; de novo passei o dia e a noite meio morto de fome para ser de novo interrogado, *tantalizado* e encarcerado.

—Talvez o senhor Muller queira oiro, disse o de preto ao quinto dia.

Dito isto abriu uma grande caixa convidando-me a tirar o que quizesse d'aquelles saccos de escudos.

Em vão protestei que todo o oiro do mundo não podia arrancar-me um segredo que não possuia; em vão protestei que não me chamava Muller; de balde descobri a fraude que tinha commettido. O de preto voltou a cabeça com ar incredulo, dizendo-me que a minha allegação lhe provava ainda mais que eu sabia onde estava o menino.

No dia seguinte, ao voltar do interrogatorio, tornei a ver a senhora de lucto.

—Valor, disse, estaes já proximo da vossa liberdade. Esta noite vereis trasladado para uma casa de doidos.

Com difficuldade comprehendí que a minha trasladação para uma casa de doidos podesse dar-me a liberdade ou melhorar a minha situação. Mas

n'aquella noite puzeram-me uma mordaca, prenderam-me, e metteram-me em uma carruagem que partiu rapidamente.

Viajámos toda a noite; e de manhã chegámos a um grande edificio de cantaria. Ali fui despido, examinado, mettido no banho, e vestido com fato cinzento. Perguntei aonde me achava, e responderam-me: no asylo dos doidos do grã-ducado de Sachs Pfeigiger.

— Posso fallar ao director? perguntei.

O herr-ober-direktor era um homem baixo, calvo, com a cabeça luzidia, e os dentes brancos. Recebeu-me cortezmente, e perguntou-me o que podia fazer em meu obsequio. Disse-lhe o meu verdadeiro nome, contei-lhe a minha historia, e as minhas culpas; disse-lhe que era inglez, e pedi que me pozesse em liberdade. Sorriu-se, e, por toda a resposta, disse:

— Onde está Kraus?

— Aqui, disse o guarda.

— Que numero tem este senhor?

— Noventa e dois.

— Noventa e dois, repetiu o herr-direktor escrevendo. Cataplasmas nas plantas dos pés; visicatórios atraz das orelhas; mostarda no ventre, e gelo do Baltico na cabeça.

Tudo isto me foi applicado. O maldito Kraus torturou-me quanto pôde; e no meio do meu soffrimento repetia-me:

— Diga-me onde está o menino, Muller, e em meia hora estará na rua.

Seis mezes estive na casa dos doidos. Se me queixava ao medico do mau tratamento de Kraus, receitava-me cataplasmas e gelo do Baltico. As contusões que appareciam eram attribuidas a pancadas que dava em mim nos meus accessos de phrenesi. Os manicos com quem estava encerrado declaravam, como fazem em geral todos os que padecem tal enfermidade, que eu estava louco.

Uma noite que gemia no meu leito, entrou Kraus no quarto.

— Levantae-vos, disse, estaes livre. Eu tinha recebido, bem sabeis de quem, dez mil thalers prussianos para arrancar-vos o segredo, se podesse; mas acabo de receber vinte mil florins d'Austria (somma que não é para desprezar) para pôr-vos em liberdade. Perco o meu lugar, e devo fugir: vou pôr uma estalagem em Francfort para os inglezes, e farei fortuna. Vinde.

Fez-me descer, e sair por uma porta do jardim; e mettendo-me na mão um embrulho com roupa e uma bolsa, deu-me as boas noites.

Despi o vestido do hospital, vesti-me e não cessei d'andar até a manhã seguinte, em que cheguei á alfandega de um grã-ducado. Na minha algibeira havia um passaporte que foi reconhecido por legal, e passei sem ser interrogado. N'aquella mesma manhã fui ao escriptorio das diligencias, e tomei logar para uma cidade d'Alemanha cujo nome me não lembra. No fim de quatro dias de viagem cheguei a Bruxellas.

A prisão e os padecimentos tinham-me enfraquecido, mas depressa recobrei a saude e as forças. Devo declarar que passava muito bem; tanto em Bruxellas como em Paris, onde me dirigi logo, não me privei de coisa nenhuma. Uma tarde entrei em uma casa de pasto do Palacio Real. Tinha pedido de comer, quando observei um papelinho entre as folhas da lista. Dizia assim:

«Fingi que comeis o peixe, mas não o comaes. Permanecei á mesa como é costume para não suscitar suspeitas, mas parti immediatamente para Inglaterra. Não deixeis, ao passar em Londres, de ir visitar Hildeburger.»

Tinha pedido um linguado frito; mas quando m'o trouxeram achei meio de o deitar em pedaços para debaixo da mesa. Quando acabei de comer, chamei o criado e pedi-lhe a conta.

— Pagará ao criado principal, senhor, se quiser; disse elle.

Appareceu este. Ainda que fôra um centauro ou uma esphinge não o teria olhado com maior horror, porque, disfarçado em criado, e com uma toalha no braço, vi Carol, o do albernoz pardo.

— Muller, disse friamente inclinando-se sobre a mesa, o linguado tinha veneno. Dizei-me onde está o menino, e aqui tendes um contraveneno e quatrocentos mil francos.

A resposta foi pegar na garrafa e arremessa-la á

cara d'aquelle patife com toda a minha força. Caiu por terra no meio das imprecações dos homens e dos gritos das mulheres: — a guarda! a guarda! Eu saí, e metti-me por uma das travessas que abundam junto do Palacio Real. Se o homem morreu ou não, se fui perseguido, é coisa que nunca sube. Entrei em minha casa sem inquietação, preparei a bagagem, e parti no dia seguinte na diligencia de Bolonha.

Cheguei a Londres sem contratempo, mas não fui ver Hildeburger pela simples razão de não saber quem era nem onde estava. Na mesma noite da minha chegada a Londres puz-me a caminho de Liverpool com tenção de embarcar para a America. Tinha medo de permanecer em Inglaterra, não só por causa dos meus perseguidores, senão porque me atormentava o espectro do verdadeiro Muller.

Ajustei a passagem em um vapor que devia partir para Nova-York em oito dias. Largava em uma segunda-feira, e na sexta anterior passeava eu na Bolsa congratulando-me pela idéa de que em breve o Atlantico me separaria dos meus inimigos. De repente ouço, atraz de mim, pronunciar em voz alta o nome de Muller. Volto-me, e encontro o olhar d'um mancebo alto, magro, de buço, vestido á moda, e mordendo o castão d'uma bengalinha d'ebano.

— Senhor Muller, disse cumprimentando-me com desembaraço.

— O meu nome não é Muller, respondi atrevidamente.

— Ainda não fomos a Hildeburger, acrescentou levantando ligeiramente as sobrancelhas.

Senti um frio glacial nas veias e respondi balbuciando:

— N... w... no!

— Tem-nos custado muito a ter noticias suas, continuou com sangue frio. A senhora obstinava-se. Em vão se usava o torniquete e a agua: emfim uma prudente dose de corda e polé venceu a resistencia.

Ainda tremi mais.

— Vae agora visitar Hildeburger? continuou com aspereza. E' perto.

— Agora não, balbuciei. Outro dia irei, agora não.

— Depois de amanhã?

— Sim, respondi apressadamente, depois de amanhã irei.

— Seja. Ali estarei ás quatro da tarde. Bom! Não se esqueça. Até á vista, senhor Muller, até á vista. Apenas pronunciou estas palavras, perdeu-se entre a multidão dos negociantes.

Ao ouvir citar aquelle dia, não duvidei de que conhecia o meu projecto de partida. Apesar de ter pago a passagem para Nova-York, resolvi mudar de direcção afim de fugir aos meus perseguidores. Entrei em outro escriptorio, e sube que um bom vapor saia ás dez da noite para Glasgow. A Glasgow, pois.

As dez menos um quarto estava na doka com a minha bagagem. Chovia muito, e fazia espessissima nevoa.

— Por aqui para Glasgow, por aqui, gritava um homem com camisa de Guernesey, por aqui; vou levar a sua bagagem!

Pegou no meu bahu, e fez-me passar por dois ou tres vapores, até que chegámos á escada exterior de outro, onde estava um homem com uma lanterna na mão.

— É este o vapor de Glasgow?

— O mesmo, respondeu-me o homem da lanterna. Avie-se, porque vão dar o signal da partida.

— Não se esqueça de Jack, disse o homem da camisa de Guernesey que tinha levado o meu bahu.

Dei-lhe uns cobres, e entrei para o barco. Souo a sineta que produziu muita confusão; as cordas jogavam, e as bagagens iam e vinham. O navio pareceu-me sujo e cheio de mercadorias; para fugir á desordem fui para ao pé do timão. Em pouco tempo desciamos o Mersey.

— Quanto tempo julga que gastaremos em ir a Glasgow? perguntei ao timoneiro.

Abriu os olhos como se não entendesse a pergunta, e murmurou umas poucas palavras inintelligiveis.

Tornei a perguntar.

— Não falla inglez, disse uma voz perto de mim, e ninguem o falla abordo, excepto o senhor Muller e eu.

Voltei-me, e com horror vi o mancebo da bengala d'ebano.

— Outro engano! exclamei. Quero uma lancha. Onde está o capitão?

— Aqui, disse o mancebo indicando um homem cheio de barba. O capitão Miloschvitch do pirocafo imperial russo, com destino a S. Petersburg: como elle não falla inglez, eu lhe servirei de interprete.

Ainda que percebi pela presença do mancebo que a minha situação era desesperada, roguei-lhe explicasse ao capitão o meu erro, e que desejava voltar para terra.

— O capitão, disse o mancebo que havia traduzido pergunta e resposta, roga-lhe acredite que não ha erro; que não vae para Glasgow, mas para S. Petersburg; que não pode deital-o em terra, pois tem ordem de conduzi-lo a Cronstad. Demais, devo dizer-lhe que se por gestos ou palavras o senhor incommodar alguém, será mettido no porão.

O capitão fez signaes como se comprehendesse o sentido do que não podia dizer.

Se não fôra um louco, ter-me-hia conformado com a minha sorte; mas estava tão desesperado, que me atirei ao mancebo com a esperanza de o matar, ou de ser morto. Só consegui ser encadeado, e mettido no porão. Ali permaneci muitos dias empestado pelo cheiro do breu, e da maresia, e sem mais alimento que a bolacha e agua corrompida. Por fim chegámos a Cronstad.

Tudo o que sei da Russia é que ha em alguma parte um rio que banha o muro de uma fortaleza, n'esta fortaleza um quarto, e n'este quarto um *knout*. Sete annos passei ali debaixo do jugo das corréas do *knout*, ouvindo incessantemente esta pergunta: — onde está o menino?

É inutil dizer como me subtrahi a tormentos ainda mais atrozes. Eu varri as ruas de Palermo, como condemnado, vestido de amarello. Desfalleci nos carceres da inquisição de Roma. Fui encerrado em uma casa de doidos em Constantinopola, apedrejado e coberto de barro que o povo me atirava atravez das grades da minha prisão. Recebi a marca de fogo em Tolon e Rochefort, e em todas as partes me offereciam a liberdade e oiro se respondesse a esta pergunta: — Onde está o menino? Emfim, accusado d'um crime que não commettera, fui condemnado á morte. Sobre o cadafalso perguntaram-me: — Onde está o menino? Como não podia responder, fui...

N'este momento, a minha criada Margery, que nunca saberá livrar-me de visitas importunas, chamou-me dizendo que me procuravam para uma consulta. Desci, e achei mistress Walkingshaw, mulher de John Walkingshaw, que me disse estar seu marido com o ataque do costume. John Walkingshaw, é membro de uma antiga sociedade de que eu sou medico, e como tal tem direito a que o visite mediante quatro schillings annuaes. Cada vez que carrega a mão de cidra dá-lhe um ataque e manda-me chamar. Desgostou-me esta saída ás duas da manhã tanto mais, que o meu infeliz desconhecido tinha sido interrompido na sua narração exactamente quando ia explicar o curioso problema cirurgico da sua resurreição. Quando voltei, tinha partido, e depois não tornei a vê-lo. Estava louco, e tinha-se enforcado elle mesmo? estava em seu juizo e tinha sido enforcado em nome da lei? tinha ou não sido enforcado? E' o que ainda não pude resolver.

#### origem do nome d'alguns dinheiros inglezes.

Chamou-se *guineo* a certo dinheiro cunhado em Inglaterra, com o oiro que negociantes britannicos trouxeram d'Africa, costa de Guiné. Não é já com o metal vindo de tal procedencia que este dinheiro exclusivamente se fabrica; porém o nome ficou.

A *libra sterling* tambem se designou assim d'uma outra moeda (cujo valor era real, e não ideal como esta) que havia na Escossia, antes da reunião das duas coróas, e que n'aquelles velhos tempos se cunhava em Sterling, que dista seis leguas de Edimburgo.

O tyranno pode ser respeitado, mas nunca amado.

**Polícia de Londres.**

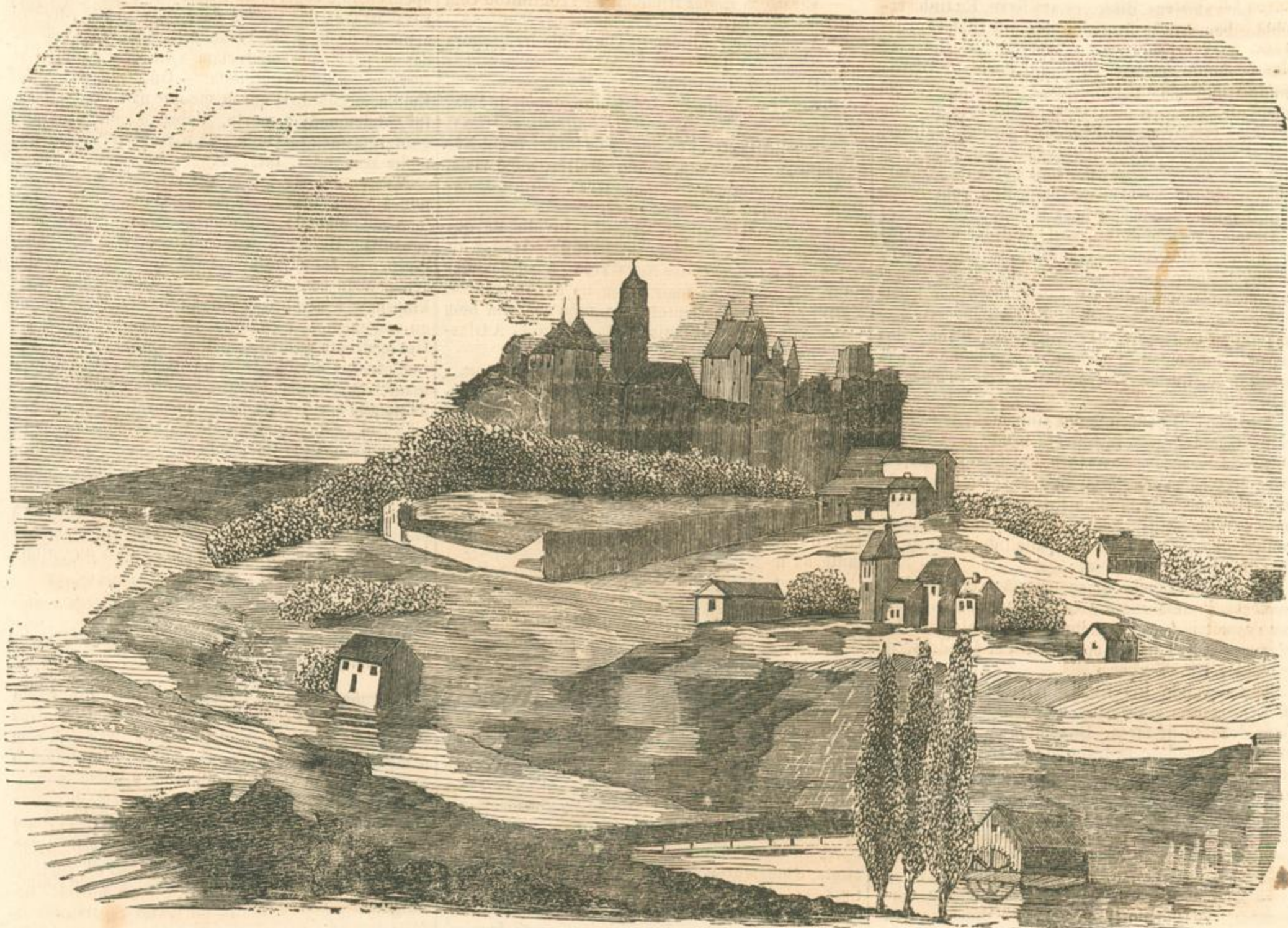
Admiram-se os estrangeiros da perfeita segurança que se gosa na populosa capital da Grã-Bretanha, habitada por dois milhões e quinhentas mil almas, alojadas em quatrocentas mil casas. Apenas se sabe que haja ali alguns londrinos caídos de embriaguez, que no dia immediato se recolhem delicadamente; e nada mais. Chronica escandalosa, rixas, e accidentes é coisa em que se não falla. E tudo isto sem apparencia de guarnição! Apenas alguns casacos encarnados passeando aos domingos, de Chelsea a Greenwich, e vice-versa com alguma facil nympha; e além d'estes os pittores-



Castello d'Angers.

cos uniformes dos Highlanders.

O *policemen* de Londres, este homem-instituição, que n'aquella extensa metropole se encontra de dez em dez passos, com o seu chapeo de solla, fato embreado, vara n'uma algibeira e campainha na outra, não é já o contemporaneo dos nevoeiros do Tamiisa. Ha cincoenta annos que lá vae essa epoca abençoada dos larapios, em que o placido *watchman* gritava da sua guarita, annunciando a hora e o estado da atmosphera durante a noite; se bem que havia então em Londres agentes provocadores, com a remuneração de quarenta libras esterlinas por cada roubo ou assassinio que preveniam, e



Castello de la Trémouille.

além d'estes varios agentes secretos na capital e suburbios. Avaliava-se n'aquelle tempo em um milhão cento e cincoenta mil libras esterlinas a somma annual dos roubos em Londres. Era essa tambem a epoca dos famosos *burkeurs*, que segundo as lições de um tal Burke assassinavam, para vender cadaveres aos estudantes de medicina. Foi então que se organisou a nova policia, e os velhos agentes, que desdeñaram as novas instituições, offereceram-se ao serviço dos particulares.

Data da administração de sir Roberto Peel a actual policia ingleza. A iniciativa do ministro sobre este objecto excitou murmurações n'aquella nação bastante aferrada ás suas antigualhas; porém o bom resultado triumphou dentro em pouco de tão louvavel susceptibilidade, e que por isso mesmo não pode deixar de ser justa. Os antigos *wathmans*, os condestaveis de parochia que datavam do tempo dos saxões, as patrulhas de ca-

vallaria que percorriam os campos, tudo desapareceu, cedendo o logar a um novo exercito capaz de prestar mais effectivo serviço. Um systema uniforme e regular substituiu os ronceiros costumes, e a reforma dos tribunaes de policia completou o todo e a harmonia do systema.

Agora ha em Londres um commissario em chefe, dois sub-commissarios, dezoito superintendentes, cento trinta e tres inspectores, seiscentos vinte e cinco sargentos, e quatro mil novecentos cincoenta e quatro *policemens* na capital e seus suburbios. A policia da *Cite*, sob a direcção da municipalidade,

foi organizada dez annos depois d'aquella. Compõe-se de um superintendente, treze inspectores, doze chefes de estação, quarenta e sete sargentos, e quatrocentos noventa e dois condestaveis. Desde esta reforma, ambas se entendem, e operam de combinação, o que não acontecia anteriormente. A policia da *Cite* tem sob a sua vigilancia o raio de milha e quarto quadrada, e a da capital e suburbios o raio de quinze milhas quadradas, tendo *Charing-Cross* como centro.

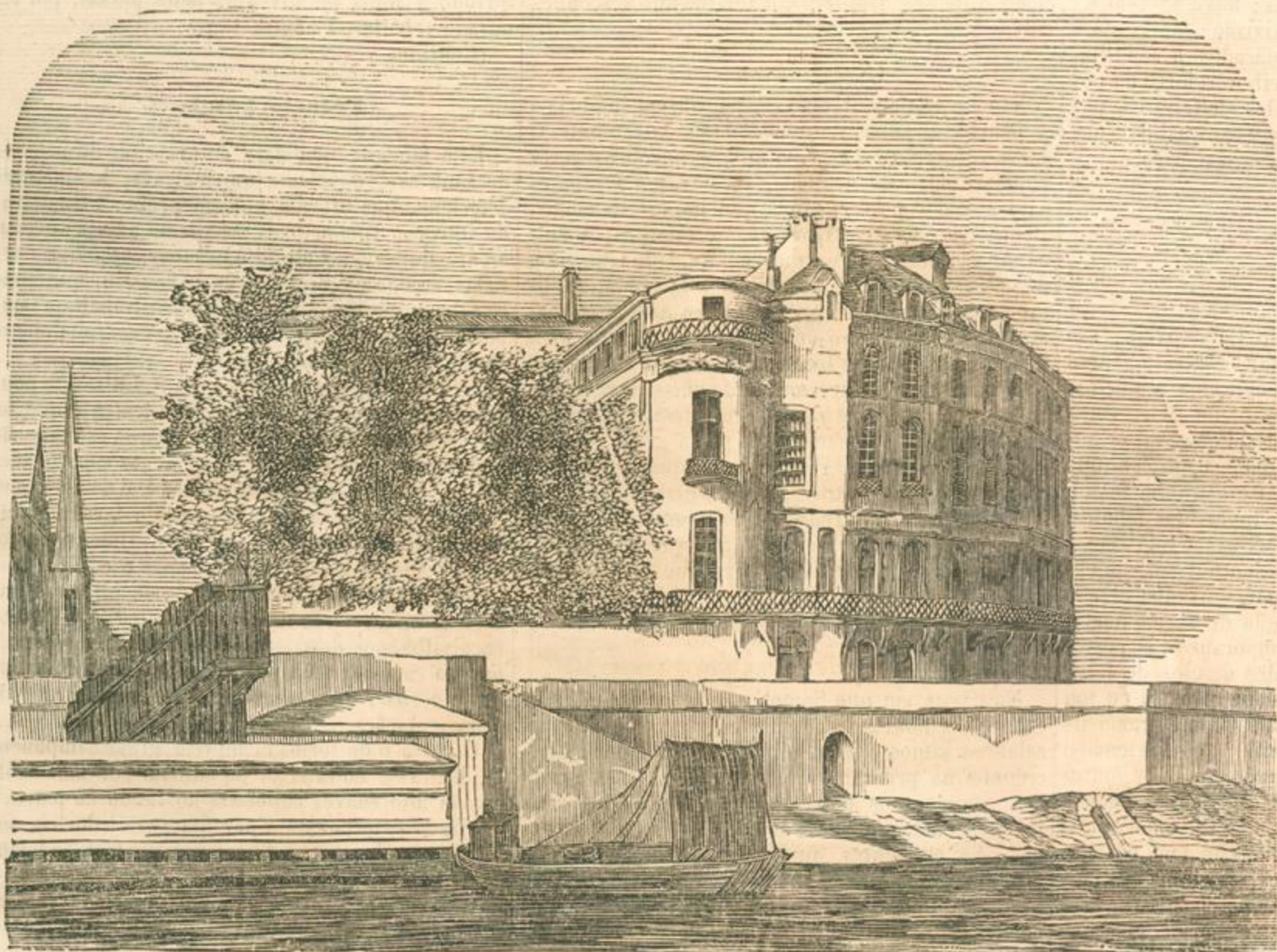
Não se pense que para pertencer á corporação policial basta a vontade do candidato. Adiante diremos quaes as provas por que tem de passar.

Os empregados na policia de Londres são de excellente comportamento, porque este apparelho exige machinas escolhidas. Apenas um *policemen* deve participar qualquer facto, a noticia corre logo de secção em secção, e vae parar ao centro pelos boletins que os *policemens* visinhos áquella fazem circular. Trata-se actualmente de transmittir estes avisos pela telegraphia electrica; e por este novo meio poder-se-ha, n'um instante, apresentar em qualquer ponto dentro do raio de cinco milhas de *Charing-Cross*, cinco mil homens; e com a demora de mais algumas horas toda a força reunida.

Da policia de Londres é o centro *Scotland-Yard*; e ahi, todas as manhãs, recebe o commissario em chefe os relatorios dos incidentes da noite. Ahi se registram todos os objectos achados, e reclamações dos perdidos ou roubados. Ahi existem, sempre atulhadas de empregados ou particulares, as numerosas e importantes repartições da administração da policia ingleza. Estão annexas a



Policia de Londres.



Palacio Lambert.

estas as da policia secreta nos paizes estrangeiros. Afora este centro ha em cada bairro uma casa de secção (*seccion-house*) para os respectivos empregados. Ha ahi bibliothecas. A de *King-street* (*Westminster*) contém quasi duzentos volumes. Das tres comidas diarias, a ultima é tomada pelos *policemens* em commum no estabelecimento. Tambem ha dormitorios para os que fazem o serviço da noite.

Tendo a Inglaterra elevado o *policemen* á altura de um principio, a participação a este principio não é negocio banal. O homem de policia deve saber ler e escrever, e alguns tem conhecimento de linguas. Em 1851 havia grande numero que trazia bordado no casaco a palavra *interprete*. O candidato passa por uma educação militar e mecânica, e depois por outra civil e moral. Findos estes exercicios, aprende uma especie de cathecismo sobre o modo de proceder nas occasiões que se possam offerecer, e por fim completa a instrucção assistindo aos debates nos tribunales de justiça. Conduzido depois á secção que escolheu, é prevenido que se poderá despedir do serviço comunicando-o um mez antes: recommenda-se-lhe que nunca mostre a vara, sua insignia, senão em caso legitimo de defesa, e que não toque a campainha da noite senão em circumstancia urgente. Depois d'esta instrucção é que se recebe na corporação.

Cada subdivisão da policia é designada por letra do alfabeto. A subdivisão A., que é a mais escolhida, tem por encargo vigiar o palacio real, os theatros, e as exposições. Sendo cada uma d'estas subdivisões correspondente a um bairro, os homens de policia que a compõem tem os habitos e costumes modelados fielmente pelos da porção da população que lhes compete vigiar. Os *policemens* dos bairros aristocraticos tem modos differentes dos de *Saint-Gilles*. O serviço de dia corre desde as seis horas da manhã até ás seis da tarde; e da noite, desde as oito ou nove da tarde até ás seis da manhã. Durante a noite andam em serviço dois terços da força. O trabalho nocturno é mais minucioso que o do dia: a policia até se occupa em fechar as portas e janellas.

Sir James Graham addicionou a esta policia de sir Robert Peel, outra secreta refundida em novo molde. A policia secreta de Londres compõe-se actualmente de tres inspectores; nove sargentos; e seis homens por cada subdivisão; ou cento e oito *policemens* que são destacados á sua disposição. Em toda a parte o melhor reforço da policia secreta são as revelações dos malfeitores, por em Londres, melhor do que em qualquer outra parte, sabe-se aproveitar-lhes o serviço.

### Anacreonte,

I

Ha empresas que se não são impossiveis, são pelo menos dificeis de realisar, e a este genero pertence a de escrever uma biographia minuciosa de Anacreonte. A vida do cantor de Teos, como as vidas de Homero, Pindaro, Sapho, e muitos outros celebres poetas da antiguidade, é um conjunto informe, um amalgama original e estranho de mui escassos factos verdadeiros e de innumerables fabulas.

Apoderando-se os seus traductores e commentadores, em diversas epochas, das anedotas e conjecturas mais ou menos inverosimeis inventadas pela fecunda e caprichosa imaginação de varios poetas e escriptores gregos, já contemporaneos, já posteriores a elle; levados uns dos desejos de fazer de Anacreonte uma notabilidade politica ou um magnata; considerando-o outros como ramo illustre d'uma esclarecida familia; convertendo-o alguns em um favorito; apresentando-o muitos como um ser extremamente excentrico, accommodaram todós como melhor convinha ao objecto que se propuzeram o que elles chamaram vida de Anacreonte. Similhanes trabalhos, em que resalta á primeira vista a falta de critica e boa fé; em que se attribuem ao poeta vicios e virtudes que podem julgar-se conscienciosamente, tendo em muita conta os costumes do povo em que viveu e as idéas dominantes da sua epocha; em que deploravelmente se confunde a historia com a novella;

esses trabalhos, que talvez com o melhor desejo dão logar a erros que são tanto mais dificeis de destruir quanto mais remotos e desconhecidos são para nós os tempos de que se trata; esses trabalhos, emfim, mais parecem dictados pelo cuidado de engrandecer o heroe de que se escreve, do que pelo desejo de fazer a pintura fiel e exacta da sua vida e obras. De seus autores, poderíamos dizer, com um illustrado critico moderno, que revelam mais zelo, mais interesse pela gloria do poeta, do que exactidão, estudo e conhecimento da pessoa e dos factos que pretendem fazer publicos.

II

Uma cidade situada em uma das mais fertes, voluptuosas, e poeticas comarcas da Jonia, Teos, foi a patria de Anacreonte. Ahi viu a luz do dia o cantor de Bathyllo; ali correram, quem sabe se felizes e serenos! os primeiros dias do entusiasta admirador de Baccho e do deus de Citherea. Talvez ali tambem, brincando em seus floridos prados, acariciado pela fresca brisa de uma tarde de primavera, brotou pela vez primeira em sua imaginação esse dulcissimo canto a *Paloma*: talvez ali tambem perdido, entre a sombra de seus perfumados bosques, assentado á beira de algum limpido e cristalino arroio, allumiado pela pallida claridade da lua, em uma noite d'estio, cruzou por sua mente a primeira idéa, rica de ternura e sentimento, da ode á sua amada.

Não é conhecida com exactidão a epocha do seu nascimento: os mais conscienciosos criticos marcam a setenta e uma ou setenta e duas olimpiada, no seculo VI, antes da era christã.

Era de familia illustre? Era humilde a sua geração? *Mysterio* é este que até agora ninguem descobriu, mas que em nada affecta as obras do poeta. Para que mais gloria de que a que estas lhe dão? Quem não inveja a fama de um homem que cresce e se augmenta á proporção que o tempo passa, que chega até nós atravessando as edades, que admira ainda o mundo depois de vinte e cinco seculos? Por ventura os que fundando-se em uma passagem de Platão, esses commentadores que o fazem descendente do rei Codrus, poderam imaginal-a nem mais bella nem mais immorredoura?

O que é certo é que o nome de seu pae, assim como o de sua familia, são totalmente desconhecidos.

III

Não ha noticia alguma exacta sobre a infancia e os primeiros annos da mocidade de Anacreonte. O denso veo que, qual espessa nuvem, encobre e cerca a maior parte da sua vida, só se rasga a espaços para nos deixar ver, ainda que imperfeitamente, alguns de seus principaes acontecimentos. A vida de Anacreonte é como um ceo nublado: quando, impellidas pelo vento, as nuvens se apartam, admiramos com indizível prazer o puro azul do firmamento; ambiciona o desejo contemplar por mais tempo tão delicioso espectáculo; mas o vento, que separou as nuvens, arremessando umas atraz de outras, torna a unil-as e o espectáculo desaparece. Assim é tambem a existencia do poeta grego: gosa a intelligencia quando rompendo a espaços o veo do passado, descobre atravez d'esses giros alguns dos factos do filho de Teos. Talvez tambem o mysterio e a obscuridade que rodêam o que d'elle ignoramos, preste maior encanto ao que nos é conhecido e reputamos verdadeiro.

IV

Na epocha em que Samos e Athenas disputavam entre si a honra de acolher em seu seio os mais celebres sabios e poetas da Grecia, achamos Anacreonte na primeira d'estas duas cidades, sendo dos personagens mais notaveis e um dos mais bellos ornamentos da corte do tyranno Policrates. As eminentes qualidades, que adornavam o poeta e o seu indisputavel merito, fizeram d'elle o favorito d'aquelle illustrado principe. Accessivel unicamente ás impressões e encantos do prazer, Anacreonte viveu n'aquelle corte sem se deixar arrastar pela corrupção que n'ella dominava. Maximo de Tyro assegura que as suas poesias modificaram o caracter violento de Policrates, mu-

dando-o de cruel em benevolo e bondoso para os seus vassallos. Feliz tempo em que a poesia produzia tão bellos resultados!

Uma anedota contada por Herodoto, segundo a qual Anacreonte se achava na camara de Policrates, quando este recebeu o enviado do satrapa Orcestes, tem servido a alguns de seus commentadores, entre elles Tannegui Lefebre e sua filha, para fazer do poeta um conselheiro d'estado. Já dissemos o conceito que em nosso juizo merecem estas versões.

Devemos consignar aqui uma coincidência singular e notavel. Em quanto Anacreonte celebrava em seus versos a Policrates, Pithagoras escapava por meio da fuga ao furor do tyranno.

V

A ausencia do legislador atheniense tinha dado occasião a Pisistrato para usurpar o poder. Pela morte d'este, os seus dois filhos, Hiparco e Hippias, dividiram entre si a suprema autoridade. Os tres usurpadores pertenciam a essa classe de tyrannos, que já que se não occupam d'outra coisa, cuidam ao menos em doirar as cadêas com que opprimem os povos sobre que exercem o poder.

O poeta de Teos não podia deixar d'encontrar-se na corte d'aquelles, cujo pae fóra o primeiro editor das obras de Homero; do que ordenara que os poemas a *Iliada* e a *Odissea*, fossem cantadas nas festas panatheneas; d'aquelle corte, de quem Thomaz Moore, o elegante e fiel traductor de Anacreonte, disse que parecia uma via lactea de engenhos eminentes. Mandado buscar por Hiparco, o cantor de Baccho aceitou o convite que se lhe fazia, levando apoz de si á cidade de Minerva o esplendido e voluptuoso cortejo das musas e dos amores.

Ali viveu por algum tempo feliz e considerado, até que, assassinado o seu Mecenas por Harmodio e Aristogiton, e exaltado o furor dos athenienses pelas crueldades que o resentimento dictara a Hippias, foi este expulso da cidade e restabelecido o governo popular.

A morte de Hiparco foi para Anacreonte o signal da saída de Athenas. Fugindo da confusão e do estrondo das commoções populares, voltou o poeta á sua patria, a deliciosa Teos, e ali vivia ainda quando a Jonia foi invadida pelos persas, por ter ousado rebelar-se contra Dario.

(Continua.)

### Palacio Lambert.

Esta fabrica, que data do principio do reinado de Luiz XIV, deve-se a um burguez, Lambert de Thorigny, que era um homem probo, e magistrado integro. Tomou para architecto a Luiz Leveau, e para pintores a Lebrun e Lesueur, os maiores artistas da epocha, na ausencia de Poussin, que então se achava em Roma. Com aquelles trabalhou tambem Francisco Perier, que se não mostrou indigno de tão illustres rivais.

A fachada que olha para a rua S. Luiz é um pouco triste, mas conhece-se evidentemente que foi sacrificada ao desenho, e sendo a rua estreita não pode o espectador tomar o sufficiente espaço para a examinar em todo o seu effeito. Um dos seus melhores pontos de vista é do angulo formado pela rua S. Luiz e caes d'Anjou: no primeiro plano, verdes massiços encobrem a meio o edificio rasgado de largas janellas, ornado de pilastras que sustentam um elegante atico. Este edificio que se encaixilha por dois lados no jardim, vae terminar no caes em uma pittoresca rotunda, de estylo firme e rico, sem estar muito sobrecarregada de ornamentações.

O pateo é de forma hemicycla, grave e imponente. Entra-se no interior do edificio por uma bella escada mui suave, collocada no fundo do pateo, e decorada externamente por um portal dorico, sobrepuesto pela ordem dorica com um frontão triangular.

O palacio Lambert tem soffrido varias transformações, e por isso não é hoje o que foi na primitiva. Das pinturas de Lesueur, os pedaços mais notaveis que restam são as de *Calisto*, *Diana e Acteon*, o *Triumpho de Neptuno*, e o *Triumpho de Amphitrite*.

De Lebrun existe a galeria que elle decorou, e conservou seu nome, e tem intactos todos os quadros. Descrevamos esta galeria.

Suppõe-se que o autor a imaginou disposta para o casamento de Hercules e Hebe. Por cima da porta de entrada, decorada com duas columnas corinthias, Baccho e Pan preparam um esplendido banquete. Cybele, Ceres e Flora são do festim, e as suas nymphas estendem compridas grinaldas de flores, pintadas pelo habil e intelligente pincel de Baptista.

Na abobada duas tapeçarias representam Hercules livrando Hesione d'um monstro; a fugida de Laomedonte, e o combate de Hercules e Pirithous contra os Centauros.

Na outra extremidade do tecto, Jupiter, Juno, e varias divindades apresentam a Hercules a sua desposada; e depois o novo hospede do Olympo sobe ao ceo n'um carro conduzido por Minerva.

O resto da decoração da galeria está completo por medalhões, pintados, encaixilhados em lavo- res modelados pelo flamengo Van Obstal, com varios tropheos em estuque.

**A tarde, entre a murta.**

Continuação.

**SCENA III.**

SOPHIA, só.

Era impossivel eu levar luvas de outra côr; de mais não as levando a condessa, talvez ainda chamem a estas luvas, luvas á D. Sophia. Pois não ha cabellos á Maria Stuart, colletes á Pompadour? . . . Nós, as mulheres, sempre temos coisas que fazem rir, mas que de ordinario não fazem mal a ninguém. Em quanto pensamos n'estas bagatellas estamos entretidas, e parece-me que os homens, que nós amam, lucram muito em deixar-nos entreter n'estas coisas! . . . Se o meu João encontrasse as luvas da condessa. . . diz-me o coração que encontra. . . A mão d'ella é quasi dotamanho da minha. Oh! parece-me que me nãoheide divertir no baile. *(pegando no album)* Ah! tenho aqui muitos versos. *(lendo)*:

Senhora, sou portuguez,  
Sou filho de Portugal,  
Nasci nas praias formosas  
Do meu Tejo de cristal.

Que tenho eu com isto? que me importa a mim onde elle nasceu? . . . Coitado, que falto de espirito que é este poeta; esta palavra cristal é de certo o sobrenome do Tejo! Vejamos outros. *(passando folha)*

Teus olhos tão negros, tão puros, tão bellos,  
Tem magicos doces d'altiva expressão.

Ah, ah, ah. . . Ora digam-me todos: se tudo que encerram os nossos albums fosse assim, poderia ser recordação agradável a lembrança de um homem que achou doces magicos n'uns olhos negros? . . . Eu creio que não. Ha aqui porém uma pagina que me falla. . . essa sim, tambem são versos. . . *(lendo, depois de pausa e com ternura)*

«Amo-te muito, me disseste, e pudica,  
Com a mão divina m'affagaste então. . .  
E eu cingi-te com meus braços lubricos,  
E tu fugiste, mas fugiste em vão. . .»

Depois. . . *(pausa)*

São versos d'elle.

**SCENA IV.**

A MESMA E MARIA.

MARIA.

O caleche está prompto. O senhor D. João manda entregar isto a v. ex.ª, e pede-lhe que se não demore.

SOPHIA.

*(Mirando as luvas com sofreguidade)* Muito bem, *(beijando-as)* muito bem. *(Sente-se bater á porta. Maria sae e torna)*

MARIA.

A senhora condessa Aurelia, que deseja fallar a v. ex.ª antes do baile.

SOPHIA.

*(Rindo)* Ai! a condessa Aurelia que quer as suas luvas. *(para Maria com zombaria)* Diz-lhe que entre.

**SCENA V.**

OS MESMOS E A CONDESSA AURELIA.

*(A condessa ricamente vestida entra com pressa no quarto; tem no braço uma pulseira de sequins inteiramente igual a outra que tem D. Sophia.)*

CONDESSA.

Ai, Sophia, vê se me podes valer! o meu luveiro fez-m'a bonita. . . pois olha, não esperava! . . . não me quiz fazer umas luvas eguaes a essas que tu tens. . . Mais ainda; prometteu dar-m'as á ultima hora, e nada! . . . tanto que eu, tendo condescendido em vir buscar-as na minha carruagem na passagem para o baile, achei-me sem luvas.

SOPHIA.

Mas que queres tu que eu faça, minha boa amiga? Eu tenho só um par d'esta côr.

CONDESSA.

Então que se lhe hade fazer! Já agora presta-me um par de luvas qualquer, brancas, côr de palha. . .

SOPHIA.

N'esse caso estás servida. *(para Maria)* Maria, traga luvas para a condessa. *(Maria traz um cofresinho elegante que abre e offerece á condessa)*

MARIA.

Escolha, minha senhora.

SOPHIA.

As do lado de lá são francezas: são de *Juvin*.

CONDESSA.

Ainda que me fiquem folgadinhas não importa.

SOPHIA.

Não. . . a condessa não tem a mão maés pequena do que a minha.

CONDESSA.

Não questionemos por isso: ainda mesmo sem luvas eu iria ao baile; a quarta contradança está promettida, provavelmente fazes já idéa.

SOPHIA.

De certo. . . elle vai? . . .

CONDESSA.

Pudera não.

SOPHIA.

E o teu homem não desconfia?

CONDESSA.

Desconfiar de que? . . . uma côrte de sociedade, uma amizade de irmãos. . . bem sabes que gosto do conde. . . elle faz-me todas as vontades, e tambem é meu amigo.

SOPHIA.

Côrte de sociedade. . . amizade fraternal. . . são phrases de muito prestimo, e que se as não houvesse nos fariam muita falta.

CONDESSA.

*(Rindo-se maliciosamente)* É verdade, Sophia, agora é que reparo, tens uma pulseira igual á minha! *(examinando)* igual, inteiramente igual! *(tiram ambas as pulseiras que examinam minuciosamente)* Os mesmos lavo- res na cadêa, tal e qual.

SOPHIA.

Tal e qual, isso é que não. . . Se á primeira vista não tem differença, bem examinadas alguma hão de ter.

CONDESSA.

Pois eu jurava que não tinham nenhuma.

SOPHIA.

Que dizes tu, condessa? . . . Nem brincando.

CONDESSA.

Digo que estou persuadida de que as nossas pulseiras são, por dentro e por fora, inteiramente eguaes. *(á parte)* Hasde pagar o maldito ferro que me metteste no ultimo baile.

SOPHIA.

*(Com exaltação)* Inteiramente eguaes?! . . .

CONDESSA.

*(Sentando-se no sophá, e com muita frieza)* Inteiramente eguaes.

SOPHIA.

*(Sentando-se, e hesitando em abrir a caixa da pulseira)* Podia mostrar-lhe o contrario, condessa.

CONDESSA.

Talvez. . .

SOPHIA.

*(Abrindo a caixa e mostrando o retrato de D. João: com zombaria)* Então são eguaes? . . .

CONDESSA.

Ah, ah, ah. . . esta não esperava eu, Sophia; por Deus que não pensava em tal. . . Esta é inteiramente nova.

SOPHIA.

Espero que não abuses da minha confiança; mostrando-te esse retrato, contei-te uma coisa que não sabias; fiz-te uma revelação de amiga.

CONDESSA.

Estás divertida. . . qual revelação! . . . Todos sabem d'esses teus amores, todos os vêem, minha amiga! Agora o que todos sabem tambem, é que esses amores vão acabar. D. João acha-te muito bonita, é verdade, mas. . . os homens são todos assim. . . acha-te pouco espirito.

SOPHIA.

*(Com raiva muito reconcentrada)* Continue, condessa.

CONDESSA.

Eu tambem gosto muito de D. João. . . Agora se elle gosta de mim, isso é que eu não sei. Olhe, *(mostrando-lhe a pulseira com o retrato de D. João)* são eguaes.

SOPHIA.

*(Empallidece cheia de colera, agarrando com ambas as mãos o braço da condessa, e firmando-se no retrato)* O retrato de D. João na sua pulseira! . . .

V. ex.<sup>a</sup> minha rival?... D. João um infame!... Ah!...

CONDESSA.

(*Áparte*) Produziu maior effeito do que eu desejava... O homem contou-me tudo, e nem eu nem ella havemos levar ao baile luvas cõr de cinza. (D. Sophia tem só uma luva calçada, a outra sobre a mesa).

SOPHIA.

(*Tornando a si de repente, e olhando para a condessa com colera reservada, e em tom muito sarcástico*) V. ex.<sup>a</sup> minha rival?... (rindo convulsivamente e levantando-se) A condessa minha rival! ah, ah, ah! e eu que não tinha conhecido em D. João a mania de gostar de trastes antigos!...

CONDESSA.

(*Rasgando a luva*) Atrevida!...

SOPHIA.

(*Sempre muito exaltada*) Acha?

CONDESSA.

Eu não insultei a v. ex.<sup>a</sup>

SOPHIA.

Nem eu; se v. ex.<sup>a</sup> pode ser minha mãe... basta isso para eu a respeitar.

CONDESSA.

Senhora D. Sophia!

SOPHIA.

Sabe que achei hontem graça ao Affonso d'Abreu! Disse-me que v. ex.<sup>a</sup> estava muito bem conservada, e que tinha uns lindos dentes; ao que logo acrescentou Alfredo de Paiva — com o auxilio do Vitry. Ah, ah, ah! (*não podendo sustentar a raiva*) V. ex.<sup>a</sup> é uma velha pretenciosa.

CONDESSA.

E v. ex.<sup>a</sup> uma tola. Adeus... que a não posso soffrer... é de mais! (*A condessa quer partir, D. Sophia segurando-a*),

SOPHIA.

Não, condessa, hade ficar... Não me importa já o mundo... Posso ser banida da sociedade, mas acima d'essa sociedade vejo eu o meu coração... Sou independente; tenho para viver. Vou mandar chamar D. João... O retrato d'esse homem está na sua pulseira, e D. João é o meu amante; digo-o a v. ex.<sup>a</sup>, ao mundo, a todos que o quizerem ouvir; entende? (*toca uma campainha*).

CONDESSA.

Socegue, Sophia; foi uma farça, uma mentira, uma exquisitez, um capricho, um nada... ouçame, por Deus.

Continua.

#### Apontamentos biographicos.

WALTER SCOTT.

São tão conhecidas as obras d'este famoso romancista inglez, que, sem injustiça para o seu merito, podemos evitar-lhe aqui o exame. Bastará portanto narrar-lhe a vida.

O cantor de *Marmion*, o pintor de *Ivanhoe*, de *Fergus*, e muitos outros heroes, nasceu em Edimbourg, a 15 de Agosto de 1771. Sua mãe, pelo talento e natural propensão para a arte e para a poesia, cultivava a amizade dos melhores escriptores do seu tempo; e assim cooperou ella poderosamente para o desenvolvimento intellectual do filho.

Walter, que recebera da natureza uma consti-

tuição robusta, por descuido da ama a quem fóra confiado, deu uma desastrosa queda, do que resultou ficar toda a vida coxo. Por cuidados de seu avó materno, distincto professor de physica, foi enviado para as montanhas da Escossia; e ahi, em frente d'aquelles magnificos quadros da natureza, tão cheios de recordações historicas, e legendas poeticas e religiosas, se lhe identificou o genio com as grandes scenas que mais tarde tinha de reproduzir no livro. Aos oito annos regressou a Edimbourg para começar os estudos.

De 1783 a 1785 terminou n'aquella universidade mediocrementemente a sua educação classica, e estudou depois jurisprudencia; mas n'esta epoca, sobrevindo-lhe uma grave doença, foi condemnado á inacção, permittindo-se-lhe unicamente leituras aprasiveis, como os contos de fadas, e historias de cavallaria. Cansado d'estas recreações lançou-se á leitura de memorias historicas, e relações de guerras. Finalmente em 1792 abraçou a carreira de advogado.

Já em 1791 tinha sido recebido membro d'uma sociedade litteraria em Edimbourg, na qual successivamente desempenhou os cargos de bibliothecario e secretario. Todos os instantes que as occupações do fóro lhe deixavam livres, applicava-os á poesia; e n'esta epoca confessava elle que eram os seus desejos ganhar uma modica fortuna, para se occupar depois, exclusivamente, da litteratura.

Em 1796 publicou *Guilherme e Helena*, traducção do alemão. Em 1797 casou-se com Margarida Carpenter, que lhe levou um pequeno dote. Esta falleceu em 1826, deixando-o pae de dois filhos e duas filhas.

Em 1799 foi Walter nomeado sub-sherif do condado de Selberk. N'esse anno traduziu o drama de Goethe, *Gotz de Berlechingen*, e depois tambem uma tragedia.

A sua primeira obra original foi publicada em 1805, e logo obteve um exito brilhante; sendo até louvado pelos mais impertinentes criticos, coisa rara em todas as epocas. Depois, em 1810, publicou a sua *Dama do Lago*, escripta na residencia de Abbotsford, nas margens do Tweed; residencia que fizera plantar e ajardinar por desenho seu, adornada interiormente com armas, estatuas, pinturas, livros, e colleções preciosas. Ainda hoje é visitada pelos viajantes que atravessam a Escossia, e ahi vão pagar á memoria do illustre escriptor o tributo de admiração.

Os poemas *Rockeby*, *Lord das Ilhas*, e *Desposada de Triermain* obtiveram frio acolhimento. N'esta occasião havia apparecido na imprensa lord Byron, com o seu *Child-Harold*, e a fama publica apregoava este melhor poeta do que aquelle. Então lançou-se Walter Scott a escrever em prosa, e no romance de *Waverley* achou a verdadeira forma do seu talento de observador, e facil e abundante narrador. Não assignou comtudo esta obra, receian-

do comprometter o seu nome. Recebido friamente ao principio, este romance, dentro em pouco, começou a ganhar fama, e fazer-se popular, apesar da critica, que severamente o atacou.

Em 1820, Jorge IV creou baronet a Walter Scott, e mandou pintar por Lawrence o retrato do romancista, para a sua galeria de contemporaneos illustres. Pelo mesmo tempo Chantrey esculpiu no marmore o busto do poeta. Apesar de todas estas honras, apparecendo já transparente de mais o veio do anonymo, Walter Scott teimou em se occultar.

Lançado n'uma empresa commercial que o arruinou, teve ainda para maior contratempo a quebra do seu editor. Assim, n'uma reunião de credores d'este, não teve remedio senão confessar-se publicamente o autor de *Waverley*, porque como tal figurava o seu nome na escripturação do editor.

*Woodstock* foi o primeiro romance que appareceu assignado com o seu nome; e a este se succederam rapidamente outras obras. *A vida de Napoleão*, em 1827; a *historia da Escossia* em 1830, e muitos outros romances, n'alguns dos quaes se reconhece a precipitação com que foram escriptos.

Em 1830 foi atacado de paralyisia, e assim ficou privado do uso da mão direita, e com a memoria bem enfraquecida. Aconselhado a viajar, poz-se uma fragata á sua disposição, e em Londres, Portsmouth, Malta, Nápoles, Roma, Veneza, e Francfort, conheceu até que ponto de gloria os seus escriptos o tinham erguido.

Voltando do Rheno para Inglaterra, foi accommettido no mar de novo ataque, e desembarcou moribundo em Londres, no dia 13 de Junho de 1832. Conduzido para Abbotsford, ahi falleceu a 21 de Setembro do mesmo anno.

#### Temos um mundo d'amor.

Infeliz! perdido estava,  
N'um deserto de afflicção,  
Via o mal, e caminhava,  
Sem poder em mim ter mão.

Cansava-me aquella vida,  
E eu sempre a proseguir;  
N'essa lucta suicida  
Eu matava o meu porvir.

Como eu era desgraçado!  
Ai! nem quero lembrar tal!  
Estava cego... era amado,  
E tinha a venda fatal!

Arrancaste-m'a — obrigado,  
Oh! meu anjo salvador,  
Cansou-se o meu negro fado,  
Cega-me hoje a luz do amor!

Raiou-nos de novo a aurora,  
D'entre uma noite de dôr,  
Soffri... soffreste. — Oh! agora  
Temos um mundo d'amor!



Avareza,